

Escritas cuneiformes: história, usos e deciframento

Cuneiform writing: history, uses and deciphering

La escritura cuneiforme: historia, usos y descifrar

João Batista Ribeiro Santos

RESUMO

Resenha do livro: Lion, Brigitte; Michel, Cécile (orgs.). *Escritas Cuneiformes: História, Usos e Deciframento*. Tradução de Marcelo Rede. São Paulo: Targumim, 2011, 47 p.

ABSTRACT

Review of the book: Lion, Brigitte; Michel, Cécile (orgs.). *Escritas Cuneiformes: História, Usos e Deciframento*. Tradução de Marcelo Rede. São Paulo: Targumim, 2011, 47 p.

RESUMEN

Reseña del libro Lion, Brigitte; Michel, Cécile (orgs.). *Escritas Cuneiformes: Historia, Usos e Desciframiento*. Traducción de Marcelo Rede. São Paulo: Targumim, 2011, 47 p.

Quando se trata da época anterior à Antiguidade clássica, com relação às fontes primárias, o antiquista brasileiro do antigo Oriente-Próximo tem acesso restritivo aos anais egípcios e documentos mesopotâmios dentre outros. Portanto, em língua portuguesa continuamos desprovidos da divulgação dessas fontes.

Faremos alusão a dois períodos do âmbito político especificamente do II milênio a.C. no antigo Oriente-Próximo de interesse da pesquisa teológica veterotestamentária, antes de analisarmos o livro dirigido por Brigitte Lion e Cécile Michel. Por volta de 1820 a.C. a Baixa Mesopotâmia foi subdividida nos reinos de Babilônia, Isin, Larsa e Uruk, e reinos menores com posições políticas oscilantes como Der, Kazallu, Malgum etc. Nesse período ocorrem várias guerras por expansão territorial, resultando em unificações envolvendo Suméria, Eshnunna e Babilônia. O fato mais importante, porém, é a entronização na Babilônia de Hammu-rabi (1792-1750 a.C.), o que vai relativizar regionalmente sobretudo o reino de Mari. Na parte final do seu reino, Hammu-rabi conquista Larsa, Eshnunna, controla e depois destrói Mari, e envia tropas para isolar a Assíria. Assim, apenas resguardando Suméria e Akkad, o rei babilônio unifica a Mesopotâmia. Disso resulta uma nova organização sociopolítica, iniciada com o

enfrentamento de uma crise agrícola, causada por problema da salinização do solo, através de uma completa reestruturação do sistema dos canais e um novo processo de colonização de áreas vizinhas, possibilitando a urbanização de áreas marginais da Mesopotâmia. Em outro seguimento, Hammu-rabi realizou a reforma religiosa, privilegiando divindades do plano astral como Shamash, Ishtar e Adad, além de nacionalizar outras divindades como Marduk, Nabû e Nergal, reestruturando por completo o panteão em cujo topo será colocado Marduk, figura central do imaginário cosmogônico e cosmológico em substituição a Enlil – culminante dessa operação é o poema *Enuma elish* (LIVERANI, 2009). Esse panteão vai rivalizar com o da região siro-palestina, que tem 'El como maioral do panteão, e os deuses da vegetação Ba'al, jovem guerreiro, e seu pai, Dagan. O grande legado dessa época é o *Código de Hammu-rabi*, documento em escrita cuneiforme – felizmente com tradução ao português (BOUZON, 1976) –, cuja divulgação pode ter influenciado os códigos humanitários da Bíblia hebraica constantes na Torah (SANTOS, 2009).

O segundo período a que faremos alusão é o controle do Egito no Mediterrâneo no século XIV a.C., após esse país, portanto, libertar-se dos *hyksos* e o reino de Mitanni perder o controle sobre a Síria-Palestina. O domínio egípcio começa em cerca de 1460 a.C. com o faraó Tutmósis III (1479-1425 a.C.), permitindo, entretanto, “pequenos reis”, e finda sob a revolta confederada dos “povos do mar” em cerca de 1170 a.C. no reinado do faraó Ramsés III. O grande legado dessa época são as 382 cartas de *Tell el-'Amarna* de cerca de 1370-1350 a.C. (LIVERANI, 1998; LIVERANI, 1999), da época do faraó Amenófis III (1402-1364 a.C.), encontradas no palácio de Amenófis IV Akhenaton (1353-1336 a.C.); documentos em escrita cuneiforme que nos possibilitam uma primeira aproximação a grandezas socioétnicas da costa mediterrânea, dentre elas o povo chamado “Israel” na estela do faraó Merenptah, de cerca de 1207 a.C., também em escrita cuneiforme.

Por isso registramos a publicação do livro *Escritas Cuneiformes: História, Usos e Deciframento*, pela editora Targumim, com apoio do Laboratório do Antigo Oriente-Próximo da Universidade de São Paulo (LAOP/USP). Não é a publicação de um documento antigo, mas chegamos a uma historiografia sobre as escritas cuneiformes, cuja língua mais antiga é o sumério, e os sistemas para o deciframento das mesmas. Por meio desse livro ao leitor brasileiro é comunicada a redescoberta do antigo Oriente-Próximo e de suas escritas como linhas de pesquisa, o que decerto possibilitará aos estudantes de história antiga, arqueologia, geografia das civilizações, linguística, teologia bíblica maior possibilidade de compreensão dos processos civilizatórios e estruturas socioétnicas dos primeiros povos e das primeiras cidades.

O livro é resultado de uma exposição organizada pelo Centro Nacional de Pesquisa, da França, sobre as escritas formadas por conjuntos de pequenos cravos e cunhas aparecidos na Mesopotâmia na segunda metade do IV milênio a.C. e utilizados até o início da era cristã, denominados por volta de 1700 d.C. de cuneiformes, e o desenvolvimento do seu deciframento efetuado em etapas. O deciframento resultou na divulgação de dois alfabetos cuneiformes, em que cada sinal corresponde a uma consoante e, diferente da escrita hebraica, os alfabetos são inscritos da esquerda para a direita.

O objetivo das organizadoras do livro é apresentar o uso das escritas cuneiformes – sua difusão e as descobertas de tabletes –, os marcos cronológicos através das grandes datas antigo-orientais e as etapas de deciframento, detalhando o difícil processo. O livro se encaixa nos debates coetâneos sobre a Antiguidade ao subsidiar a pesquisa do antigo Oriente-Próximo, podendo o estudante, a partir de sua leitura, decidir entre o Egito, o Mediterrâneo e a Mesopotâmia a sua ampla área de atuação quando requerer o acesso aos documentos em escrita cuneiforme. À difusão das escritas cuneiformes e seus marcos acrescente-se, na busca dos eventos e instituições antigo-orientais, a memória coletiva nomeada ou reconhecida na Bíblia hebraica através de cidades e personagens aramitas, egípcios e mesopotâmios e as informações acerca da invenção do alfabeto, cuja língua oeste-semítica oriunda de Ugarit, a atual Ras Shamra, forneceu os parâmetros para a ordem fixa dos sinais alfabéticos fenício e hebraico no primeiro milênio a.C.

Muito bem documentalmente fundamentadas, as organizadoras, elas mesmas arqueólogas e epigrafistas, registram em seu livro os primeiros contatos e as primeiras escavações. O estudo arqueológico é iniciado com a criação, em 1842, do consulado da França em Mossul e a escavação do Tell-Quyunjik (Nínive); um ano depois, no sítio de Khor-sabad (Dur-Sharrukim), descobre-se o palácio de Sargão II; seguem as descobertas dos palácios de Assurnasirpal II e Senaquerib e a biblioteca de Assurbanipal. B. Lion e C. Michel estudam a trajetória dos eruditos pioneiros na pesquisa dos cuneiformes, a pesquisa histórica detalha o trabalho realizado por eruditos desde o século XII até o século XX, com suas novas descobertas e metodologias de pesquisa que possibilitaram a criação de museus, além da regulamentação da partilha dos artefatos antigos, do estudo do meio ambiente e das relações diplomáticas no antigo Oriente. Detalha ainda as primeiras tentativas de deciframento do cuneiforme, como diferentes línguas foram notadas por meio dessa escrita, a cópia das inscrições que chegam a ser trilingue e a identificação das sequências de sinais de uma escrita alfabética, desde a Suméria no final do IV milênio a.C., e como o mesmo sistema é utilizado para escrever

o hurrita, elamita, hitita, urartita etc. Na historiografia da expedição na Mesopotâmia para o deciframento do acadiano, o francês Jules Oppert (1825-1905) identifica o sistema de medidas babilônicas e a origem da escrita cuneiforme e conclui que alguns sinais não correspondem a sílabas, mas a palavras inteiras; desafortunadamente, as cópias das inscrições expedidas por ele para a França perderam-se quando o comboio afundou no rio Tigre. Destarte, estão preservados mais de um milhão e meio de tablets disponíveis aos pesquisadores.

Completamente ilustrado com reproduções das fontes primárias originais, em proveito dos pesquisadores antiquistas a quem se dirige e que certamente se interessarão, o livro tem um significativo valor histórico ao inserir o leitor de língua portuguesa nas escritas cuneiformes: com abrangência no sistema de ideogramas, o processo de deciframento persa e sumério, como compreender o valor ideográfico de um sinal em um texto acadiano, a geografia de difusão dos tablets com mapas e, ao que se refere aos eruditos, o estado da pesquisa. Aliás, é oportuno salientar que o valor histórico do livro, publicado na França há apenas quatro anos (2008), pode ser contado ainda pelas suas traduções ao holandês, russo, polonês, japonês, italiano, turco, hebraico, espanhol, coreano e português. Por fim, há uma introdução sobre os tablets, os materiais empregados, como era inscrito o cuneiforme e o trabalho dos epigrafistas. Os antigos epigrafistas, ou seja, os escribas são os mestres da “casa dos tablets” (escola!) que empregavam para inscrever seus anais, cartas, crônicas, listas e inscrições reais, histórias etc. vários suportes, majoritariamente a argila moldada, mas também a pele, tablets de madeira e plaquetas de pedra.

Enfim, eis aí temos um belo manual para auxiliar quanto às escritas cuneiformes em importantes estudos científicos sobre o antigo Oriente-Próximo, onde situa-se o “mundo da Bíblia”.

Obras citadas

BOUZON, Emanuel (introdução, tradução do original cuneiforme e comentários). *O Código de Hammurabi*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

LIVERANI, Mario (cura). *Le lettere di el-Amarna*. Vol. 1. Le lettere dei “Piccoli Re”. Testi del Vicino Oriente Antico. Brescia: Paideia Editrice, 1998.

LIVERANI, Mario (cura). *Le lettere di el-Amarna*. Vol. 2. Le lettere dei “Grandi Re”. Testi del Vicino Oriente Antico. Brescia: Paideia Editrice, 1999.

LIVERANI, Mario. *Antico Oriente: storia, società, economia*. Biblioteca Storica Laterza. 8. ed. Roma; Bari: Editori Laterza, 2009.

SANTOS, João Batista Ribeiro. Elementos de direito político-econômico e as estruturas de poder no antigo Israel. *Caminhando* (UMESP), v. 14, n. 2, p. 155-170, jul./dez., 2009.